

A lógica da comunicação e a ética das logotecnias

JOAQUIM CARDOZO DUARTE

O fenómeno da *massificação* da comunicação leva-nos a empreender uma análise da sua lógica e das condições de possibilidade de lhe encontrar uma ética.

A reflexão sobre dois momentos de *publicidade* da razão - a sofística grega e o iluminismo alemão - mostrar-nos-á a essência do que se joga nesta situação nem pessoal nem universal, mas apenas pública e massificante.

A lógica desta massificação faz descobrir a co-implicação de várias dimensões: cibernética, semiótica, sociológica, antropológica e outras.

Os conceitos que determinam este tipo de comunicação - acontecimento, novidade, sedução, retórica e outros - mostram a sua fragilidade ética.

Também o *excesso de sucesso* dá que pensar, remetendo para a necessidade de desconfiar de que algo de fundamental esteja ausente.

No entanto, o impacto cultural desta massificação da informação cria um estilo de pensar ou uma logo-tecnia em que a componente mecanicista chega ao âmago da própria racionalidade do homem.

Que virtude é então preciso desenvolver e que valores é urgente respeitar neste contexto de desafio à própria dimensão lógica do homem?

Que antropologia e que ontologia são exigidas por esta situação e se revelam capazes de fundamentar uma ética? □

Da transformação da acção à acção transformadora

JOSÉ ROSA

A tese fundamental do primeiro capítulo da obra *Das Prinzip Verantwortung*, e que o autor, Hans Jonas, desenvolve noutros escritos, é a de que a natureza da acção mudou em virtude dos meios portentosos que a ciência moderna, casada com a tecnologia, pôs ao dispor do homem. Isto, por seu turno, ao alargar o campo da acção, alterou a essência mesma do agir humano. Nas civilizações pré-modernas a ética era um problema da *polis*. Não se aplicava à natureza. Isto é, a natureza não constituía ainda objecto de responsabilidade humana. Ora, isto mudou radicalmente. «A *técnica moderna introduziu alterações de tão diferentes escalas, objectos e consequências que o quadro ético anterior já não pode contê-*



Hannah Arendt. Entre a Filosofia e a Política

ISABEL LEANDRO GOMES

A melhor forma de situarmos o tema que preside a esta comunicação consiste em inseri-lo na obra de Hannah Arendt. Deste modo, na Conferência proferida em 1954 na Notre Dame University sob o título geral de "The Problem of Action and Thought after the French Revolution", Arendt coloca a relação amor-ódio entre Filosofia e Política a partir do processo-condenação de Sócrates. Por outro lado, a condenação do incomodativo "moscardo" é associada ao problema da autoridade, sua identificação genética e crise (podemos encontrar uma minuciosa interpretação do papel de Sócrates como "moscardo" em *The Life of Mind*, Vol. 1, cap. 17, texto que se deveria constituir em três partes, cada uma delas dedicada à compreensão das três actividades que completam a condição espiritual do homem - o pensar, o querer e o julgar. A última parte da obra resultou da publicação de aulas expositivas sobre a filosofia de Kant, proferidas por Arendt em 1970 na New School).

O papel do filósofo, no dizer de Arendt, não é o de governar a cidade (ideal platónico), mas o de ser o seu

"moscardo". Associada a esta crise da autoridade emerge a tensão essencial entre persuasão e dialéctica. A persuasão é dirigida a uma multidão, a dialéctica encontra-se radicada no diálogo a dois. De certo modo, ambos os processos podem evoluir para zonas periféricas do tema (educação, mundo da cultura...) mas, na sua redundância, podem igualmente ser interpretados como diferentes estratégias de discutir o "público" e o "privado".

Neste sentido, "...o conflito entre filosofia e política, entre o filósofo e a *polis*, irrompeu não porque Sócrates quisesse desempenhar um papel político, mas antes porque queria tornar a filosofia relevante para a *polis*" (*The Problem of Action and Thought*).

Para Arendt, a natureza depuradora do pensamento, a maiêutica socrática, provoca um efeito libertador sobre a faculdade de julgar - a *mais política de entre as qualidades espirituais do homem* - e aproxima-nos da reformulação do problema da conexão interna entre a incapacidade de pensar e o problema do mal. □